



Universidades Lusíada

Camacho, Inês Nobre Martins, 1978-
Tomé, Gina Maria Quinás, 1973-
Matos, Margarida Gaspar de, 1956-
Gamito, Pedro
Diniz, José Manuel Fragoso Alves

A escola e os adolescentes : qual a influência da família e dos amigos?

<http://hdl.handle.net/11067/90>
<https://doi.org/10.34628/fd2z-1m25>

Metadados

Data de Publicação	2010
Resumo	O objectivo do presente estudo foi verificar como a relação com a família e o grupo de pares pode influenciar o gosto dos adolescentes pela escola. A amostra é constituída pelos sujeitos participantes no estudo realizado em Portugal Continental, que integra o estudo Europeu HBSC - Health Behaviour in School-aged Children. O estudo decorreu durante o mês de Janeiro de 2006, incluindo alunos do 6.º, 8.º e 10.º anos de escolaridade de escolas públicas do país, com média de idades igual a 14 anos, nu...
Palavras Chave	Educação - Portugal, Adolescentes - Atitudes - Portugal, Lar e escola - Portugal
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] RPCA, n. 01 (2010)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-11T01:17:45Z com informação proveniente do Repositório

A ESCOLA E OS ADOLESCENTES: QUAL A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA E DOS AMIGOS?

Inês Camacho^a
Gina Tomé^b
Margarida Gaspar de Matos^c
Pedro Gamito^d
José Alves Diniz^e

Resumo: O objectivo do presente estudo foi verificar como a relação com a família e o grupo de pares pode influenciar o gosto dos adolescentes pela escola. A amostra é constituída pelos sujeitos participantes no estudo realizado em Portugal Continental, que integra o estudo Europeu HBSC – Health Behaviour in School-aged Children. O estudo decorreu durante o mês de Janeiro de 2006, incluindo alunos do 6.º, 8.º e 10.º anos de escolaridade de escolas públicas do país, com média de idades igual a 14 anos, num total de 4877 adolescentes. O instrumento utilizado foi o questionário do HBSC, que no estudo português seguiu o formato indicado no protocolo (Currie, et al., 2001). Os resultados revelaram que são as raparigas e os jovens do 6.º ano os que mais gostam da escola. Ficou igualmente demonstrado que os alunos que gostam da escola são os que percebem que têm boa capacidade escolar, estão inseridos num grupo de pares sem envolvimento em comportamentos de risco e que fazem actividades ambientais. O mesmo acontece com os adolescentes que afirmam que nunca se embriagaram, nunca fumaram e que não consumiram drogas no último mês e que têm um maior controlo por parte dos pais. Os jovens que referem que não têm amigos são aqueles que não gostam da escola. Os resultados encontrados salientam a importância do relacionamento positivo com os pais e com os pares no envolvimento que os adolescentes mantêm com o contexto escolar.

^a Psicóloga, Mestre em Terapias Comportamentais e Cognitivas, Investigadora do projecto Aventura Social, FMH/UTL e CMDT/IHMT/UNL
inmcamacho@gmail.com

^b Psicóloga, Mestre em Terapias Comportamentais e Cognitivas, Investigadora do projecto Aventura Social, FMH/UTL e CMDT/IHMT/UNL

^c Psicóloga, Professora Associada com Agregação, Faculdade de Motricidade Humana, UTL; Centro de Malária e Doenças Tropicais/IHMT/UNL

^d Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

^e Faculdade de Motricidade Humana, UTL

Palavras chave: escola; família, grupo de pares, adolescentes, comportamentos saudáveis

Abstract: The purpose of this study was to determine how the relationship with the family and peer group can influence the motivation of teenagers by the school. The sample was composed of subjects who participated in the study performed in Portugal, part of the European study HBSC-Health Behaviour in School-aged Children. The study took place during January 2006, including students from the 6th, 8th and 10th grade of public schools, with an average age at 14 years, in a total of 4877 adolescents. The tool used was the questionnaire of HBSC, which in the Portuguese study followed the format specified in the protocol (Currie, et al., 2001). The results revealed that the girls and the 6th grade students are the ones who like school. It was also shown that students who enjoy school are those who perceive they have good capacity school and are located in a peer group with no involvement in risky behavior and perform environmental activities. The same applies to teenagers who claim never been drunk, never smoked and who did not consume drugs in the last month and have higher parental control. Young people who do not have friends do not like school. The results highlight the importance of positive relationships with parents and with peers in engaging teenagers have with the school environment.

Key words – School; family; peer group; adolescents; health behaviours

A escola e os adolescentes: qual a influência da família e dos amigos?

A escola não é somente o local onde as crianças e adolescentes desenvolvem aprendizagens e processos educacionais, mas também aonde se promovem relações interpessoais importantes para facilitar o seu desenvolvimento pessoal e social (Ruini, et al., 2009). É responsável pela transmissão de normas e padrões comportamentais, representando um papel essencial no processo de socialização da criança e do adolescente. É capaz de juntar diversas comunidades de pares e promover a auto-estima e o desenvolvimento harmonioso entre os jovens, constituindo-se um espaço privilegiado de encontros e interações (Baptista, Tomé, Matos, Gaspar, & Cruz, 2008).

O papel do professor é fundamental na promoção de capacidades de decisão e de escolha de estilos de vida saudáveis pelos adolescentes (Baptista, Tomé, Matos, Gaspar, & Cruz, 2008). A alteração de um relacionamento directo e pessoal entre alunos e professores durante o primeiro ciclo, para um contacto mais distante, com vários professores, é por vezes referida como uma situação de risco, pois pode proporcionar diversas dificuldades de adaptação, desmotivar a aprendizagem e interferir na participação dos jovens nas actividades escolares, proporcionando uma queda no desempenho escolar, criando condições propícias ao envolvimento em comportamentos de risco (Chiapetti, 2003).

As expectativas dos professores também poderão influenciar positiva ou negativamente o sucesso académico das crianças e adolescentes. Por exemplo,

os professores que revelam expectativas mais positivas relativamente aos alunos tendem a proporcionar mais oportunidades de participação, criticar menos e interagir de forma mais positiva com seus alunos (Jussim & Harber, 2005).

A partir da entrada no segundo ciclo, o adolescente começa a ampliar seu grupo de amigos e suas actividades, intensificando-se a influência do contexto escolar, no desenvolvimento da personalidade, valores e das relações sociais. Chiapetti (2003) realizou um estudo com 50 rapazes institucionalizados, com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos, com o objectivo de analisar a influência dos contextos onde o jovem está inserido, onde os comportamentos de risco tiveram atenção especial. A autora observou que esses adolescentes consideravam o ambiente escolar positivo, gostavam de frequentar a escola, estavam satisfeitos com o seu desempenho escolar, consideravam o seu comportamento em sala de aula adequado e não queriam deixar a escola, no entanto, o ambiente familiar da maioria era negativo. Apesar do ambiente familiar desfavorável, os resultados indicaram uma baixa tendência para comportamentos de risco, nas dimensões analisadas (consumo de substâncias, comportamentos sexuais de risco, agressividade, exclusão social). Esses resultados são justificados pela autora através da apreciação favorável do ambiente escolar, que era percebido como positivo e influenciava positivamente o comportamento dos jovens.

Dessa forma, o envolvimento na escola pode afectar significativamente diversos factores da vida do jovem, nomeadamente o consumo de tabaco e álcool, rendimento académico, bem-estar e actividade física (Sellstrom & Bremberg, 2006).

Os adolescentes passam muito tempo na escola, o que torna esse contexto privilegiado para o envolvimento ou para protecção dos comportamentos de risco. A escola tem um efeito significativo no desenvolvimento psicossocial dos jovens, por exemplo, o ambiente escolar e a ligação à escola e aos professores podem ser factores protectores para os jovens, em especial para aqueles que têm uma forte ligação à escola (Piko & Kovács, 2010). Piko e Kovács (2010) verificaram que bons resultados académicos providenciam nos adolescentes a sensação de sucesso, ajudando a evitar o envolvimento em comportamentos de risco como o consumo de substância e influenciando a ligação à escola e aos professores.

As relações que os jovens mantêm em contexto escolar poderão influenciar a sua ligação à escola, aos professores e até os seus resultados académicos. Alguns estudos verificaram que os jovens preferem trabalhar dentro da sala de aula com colegas que tenham bons resultados académicos, mesmo que essa preferência só se verifique dentro da sala de aula. Os alunos com bons resultados académicos possibilitam mais oportunidades de aprendizagem aos pares e podem ajudá-los quando existem dificuldades académicas (Hughes, Dyer, Luo, & Kwok, 2009). A relação com o grupo de pares pode ter consequências a curto ou longo prazo no desenvolvimento das crianças e adolescentes, inclusive nos resultados académicos (Hughes, Dyer, Luo, & Kwok, 2009). Ter amigos próximos poderá

promover o sucesso académico devido ao efeito positivo da amizade. Da mesma forma que os sentimentos de solidão podem levar à falta de motivação e aos fracos resultados académicos (Hughes, Dyer, Luo, & Kwok, 2009).

Turner (1999) no seu estudo faz referência aos efeitos positivos do suporte social pelos pares na auto-eficácia, auto-estima e locus de controlo nos jovens que são particularmente importantes para a sua saúde. Um bom nível de adaptação social e escolar, desempenho académico elevado, satisfação pessoal, menor probabilidade de apresentar distúrbios psicopatológicos, está geralmente associado a um bom relacionamento com os colegas.

Durante a adolescência verifica-se uma tendência para passar mais tempo com os pares do que com a família. No entanto a relação dos adolescentes com os pais continua a ter uma função protectora e a providenciar segurança aos jovens (Hair, Moore, Garrett, Ling, & Cleveland, 2008). O controlo parental é uma das variáveis referenciada como factor com forte protecção para o consumo de substâncias durante a adolescência, uma vez que influencia o comportamento dos jovens minimizando o envolvimento em comportamentos de risco, assim como o envolvimento com grupo de pares desviante (Ennett, Foshee, Bauman, Hussong, Cai, & McNaughton Reyes, 2008; Li, Stanton, & Feigelman, 2000).

Tem-se provado que as relações positivas na família, o suporte emocional e social dos pais e um estilo de disciplina parental construtivo e consistente, tendem a estar relacionados com maiores índices de bem-estar e de ajustamento na adolescência (Field, Diego & Sanders, 2002; Branje, Van Aken & Van Lieshout, 2002) e menor envolvimento em comportamentos de risco e em grupos de pares desviantes (Mounts, 2002).

Num estudo realizado nos Estados Unidos (Kuperminc, Darnell & Alvarez-Jimenez, 2008), com o objectivo de relacionar o envolvimento dos pais e o rendimento académico em jovens dos 13 aos 17 anos de idade, verificou-se a existência de associações entre o envolvimento parental, sentido de pertença à escola, expectativas dos professores e capacidade académica, em que se verifica que quanto maior o envolvimento dos pais os jovens apresentam um maior índice de pertença à escola, maior expectativa por parte dos professores e uma melhor competência académica.

A amizade tem um papel importante na vida dos adolescentes, em especial quando essa amizade é recíproca. Os adolescentes que possuem amizades recíprocas relatam maiores níveis de sentimentos de pertença à escola. Os sentimentos de pertença à escola e as amizades recíprocas têm efeitos nos resultados académicos dos adolescentes (Vaquera & Kao, 2008). Os adolescentes que referem possuir amizades recíprocas, que lhes fornecem suporte social, têm maior probabilidade de ser populares, de estar mais motivados, envolvem-se mais nas actividades escolares têm melhores resultados académicos e são

socialmente mais competentes do que aqueles que não possuem amizades recíprocas (Vaquera & Kao, 2008).

Nesse sentido, o estudo de Wiener e Schneider (2002) sobre testes padrões da amizade em 232 crianças, 117 com dificuldades de aprendizagem e 115 sem dificuldades de aprendizagem, com idades médias de 11,6 anos para as crianças com dificuldades e 11,2 anos para as crianças sem dificuldades, revelou que as amizades das crianças com dificuldades de aprendizagem tinham qualidade reduzida, relativamente às amizades das crianças sem dificuldades. Os autores relacionam os resultados obtidos à probabilidade de exclusão e rejeição das crianças com dificuldades de aprendizagem (Wiener & Schneider, 2002).

A influência dos pares pode aumentar circunstancialmente na idade de entrada para a escola secundária, pois é nessa altura que os jovens juntam-se a pares com idades superiores, que as pressões diárias aumentam e que iniciam actividades novas, diminuindo por vezes a auto-estima. Existindo por isso o risco dessa influência, que inicialmente fornece motivação para experimentar comportamentos novos, tornar-se negativa, reforçando comportamentos de risco, como o uso de substância, actividade sexual de risco, entre outros. Essa tendência negativa poderá ocorrer essencialmente por falta de fontes alternativas de comunicação, ou de sustentação emocional (Bourne, 2001).

Alguns estudos têm sugerido que o relacionamento com os pais também poderá influenciar o tipo de relacionamento que os adolescentes mantêm com os pares, sugerindo que um relacionamento positivo com os pais contribui para um relacionamento positivo com os pares (Dekovic & Meens, 1997). Liebermann, Doyle, e Markiemicz (1999) afirmam que os adolescentes que consideram ter amizades positivas têm um relacionamento mais próximo com os pais. Já Bourne (2001) considera que os pais devem fornecer aos adolescentes uma estrutura de valores fortes, mas não rígida, fomentando uma comunicação aberta, ouvindo o ponto de vista dos jovens de forma a desculpar, ou permitir determinados comportamentos, minimizando assim a influência negativa do grupo de pares. Ainda nesse sentido, Laible e Thompson (2000) verificaram que os adolescentes que afirmavam ter um relacionamento positivo com os pais e com os pares eram menos agressivos, menos deprimidos e mais simpáticos do que aqueles que afirmavam ter ambos negativos. Observaram ainda que aqueles que consideravam só o relacionamento com os pais positivo, possuíam resultados semelhantes aos anteriores, entretanto os resultados alteravam-se ao analisar os adolescentes que consideravam o relacionamento com os pais positivo e com os pares menos positivo, indicando que o relacionamento com os pares poderá influenciar positivamente determinados factores do desenvolvimento dos adolescentes.

Já Helsen e colaboradores (citado por Field, 2002), encontraram resultados inversos, uma vez que verificaram que o relacionamento negativo com os pais revelou-se o melhor indicador de problemas emocionais durante a adolescência.

Anteghini, Fonseca, Ireland e Blum (2001), realizaram um estudo com o objectivo de descrever a prevalência dos comportamentos de risco na saúde e identificar os factores protectores e de risco desses comportamentos (fumar, uso de substâncias, actividade sexual antes dos 15 anos, gravidez, ideação, ou tentativa de suicídio), nos adolescentes brasileiros e verificaram que os factores protectores, associados à diminuição desses comportamentos eram a ligação positiva à família, escola e aos pares.

Por sua vez, Beal, Ausiello, e Perrin (2001) observaram que os pares eram os melhores preditores do envolvimento em comportamentos de risco durante a adolescência. A influência dos pais encontra-se associada a diferenças no consumo de álcool, enquanto os pares influenciam todos os outros comportamentos de risco para a saúde, como o consumo do álcool e tabaco, actividade sexual de risco ou o consumo de substâncias. Já Chipuer (2001) encontrou que a ligação ao melhor amigo era melhor preditor da solidão emocional e social do que a relação com os pais em adolescentes dos 5º e 6º ano de escolaridade, assim, aqueles que possuíam uma ligação mais forte ao melhor amigo referiam sentir-se menos sozinhos.

Dessa forma, os comportamentos de risco podem ocorrer como manutenção ou iniciação das amizades, ou seja, como uma tentativa de integração no grupo, sendo mais habituais longe dos pais, uma vez que os adolescentes encontram-se na companhia dos pares fora do alcance parental. Simultaneamente à necessidade de integração num grupo de pares, os adolescentes tendem a distanciar-se do controlo parental e de outras figuras de autoridade, já que comportamentos como o consumo de álcool, marijuana, ou comportamentos delinquentes, ocorrem essencialmente nos locais habitualmente frequentados pelo grupo, como pubs, discotecas ou festas (Engels & Bogy, 2001). A participação e o envolvimento activo dos pais nas actividades diárias dos adolescentes poderá prevenir que a influência do grupo de pares seja negativa e tenha um papel positivo no desenvolvimento dos mesmos.

O objectivo do presente estudo é verificar como a relação com a família e com o grupo de pares pode influenciar o gosto dos adolescentes pela escola.

Metodologia

Amostra

A amostra utilizada neste estudo é constituída pelos sujeitos participantes no estudo Português realizado em Portugal Continental em 2006, parte integrante do estudo Europeu HBSC – Health Behaviour in School-Aged Children (www.hbsc.org; www.fmh.utl.pt/aventurasocial; www.aventurasocial.com).

O estudo HBSC iniciou-se em 1982 através de uma equipa de investigadores da Finlândia, Noruega e Inglaterra e desde 1985/86 é realizado de 4 em 4 anos. Ao longo dos anos o estudo foi crescendo e actualmente conta com a participação de 44 países Europeus e da América do Norte, em colaboração com a Organização Mundial de Saúde (Roberts et al., 2007). O estudo tem como objectivo conseguir uma nova e maior compreensão do comportamento de saúde dos adolescentes, saúde e bem-estar no seu contexto social, através da recolha de dados que permitam comparações nacionais e internacionais, de forma a alcançar este objectivo (Roberts et al., 2007).

O estudo Português incluiu alunos dos 6º, 8º e 10º anos do ensino público regular com média de idades de 14 anos (SD=1,89). A amostra nacional consistiu em 4877 estudantes de 257 turmas, de 125 escolas Portuguesas escolhidas aleatoriamente, representativa dos referidos anos de escolaridade e estratificada por regiões de Educação Regional. Os alunos foram distribuídos da seguinte forma: Norte: 43,7%, Centro: 15,4%, Lisboa: 28,8%, Alentejo: 6,9% e Algarve: 5,2%. Destes, 50,4% eram raparigas e 49,6% rapazes, e foram distribuídos da seguinte forma: 31,7% no 6º ano de escolaridade, 35,7% no 8º ano de escolaridade e 32,6% no 10º ano de escolaridade. A taxa de resposta foi de 92% para escolas, 87% para turmas, e 87% para alunos.

Instrumento

O instrumento no qual se baseia o estudo é um questionário de auto-administração aplicado nas escolas pelos professores.

O questionário providencia informação sobre os indicadores de saúde e comportamentos relacionados com a saúde e circunstâncias de vida dos adolescentes. As questões abrangem informação demográfica, incluindo a idade, estrutura familiar, estatuto socio-económico; relações sociais com a família, pares e no ambiente escolar; comportamento de saúde, como a actividade física, comportamento alimentar, consumo de álcool, tabaco, marijuana, comportamento sexual, violência, bullying, entre outros; e indicadores de bem-estar, incluindo sintomas físicos e psicológicos, satisfação com a vida, entre outros (Currie et al., 2001).

No estudo Português, o questionário inclui todos os itens obrigatórios que abrangem questões demográficas, aspectos da saúde comportamental e psicossocial, seguindo o formato indicado no protocolo (Currie et al, 2001).

No presente estudo foram utilizadas questões sobre a escola, o controlo parental e o grupo de pares (ver tabela 1).

Tabela 1. Questões utilizadas

	Questões	Opções de resposta
Escola	Actualmente, o que sentes pela escola?	1. Gosto 2. Não Gosto
	Na tua opinião, o que é que os professores pensam da tua capacidade escolar comparada com a dos teus colegas?	1. Muito Boa 2. Boa 3. Média 4. Inferior à Média
Comportamentos de Risco	Já alguma vez ficaste embriagado? (“apanhaste uma bebida”)	1. Não, Nunca 2. Sim, uma vez 3. Sim, 2-3 vezes 4. Sim, 4-10 vezes 5. Sim, mais de 10 vezes
	Quantas vezes fumas tabaco?	1. Todos os dias 2. Pelo menos uma vez por semana, mas não todos os dias 3. Menos do que uma vez por semana 4. Eu não fumo
	Quantas vezes consumiste drogas ilegais no último mês?	1. Nenhuma 2. 1 vez 3. Mais do que uma vez 4. Consumo Regularmente
Amigos	Neste momento, quantos bons amigos (as) tens?	1. Nenhum 2. Um 3. Dois ou mais
	Quantos dias por semana normalmente ficas com os teus amigos depois das aulas?	1. 0 dias 2. 1-3 dias 3. 4 ou mais dias
Escala Grupo de Pares: A maior parte dos teus amigos: Grupo de Risco	Fumam cigarros; Embebedam-se; Já usaram drogas para ficar “pedrados”; Andam com armas (ex: facas) Já tiveram relações sexuais;	1. Raramente ou nunca 2. Algumas vezes 3. Frequentemente
Grupo sem risco	São Bons alunos na escola; Participam em actividades desportivas; Dão-se bem com os pais; Apoiam os outros quando estão em baixo;	1. Raramente ou nunca 2. Algumas vezes 3. Frequentemente

Tabela 1. Questões utilizadas (Cont.)

	Questões	Opções de resposta
Grupo ambiente	Participam em actividades não desportivas; Preocupam-se com o ambiente; Fazem trabalho de solidariedade social;	1. Raramente ou nunca 2. Algumas vezes 3. Frequentemente
Escala Controlo Parental: Quanto é que a tua mãe sabe realmente sobre... Mãe	Quem são os teus amigos; Como é que tu gastas o dinheiro; Onde estás depois da escola; Onde vais sair à noite; O que tu fazes com o teu tempo livre;	1. Ela sabe muito 2. Ela sabe um pouco 3. Ela não sabe nada
Quanto é que o teu pai sabe realmente sobre... Pai	Quem são os teus amigos; Como é que tu gastas o dinheiro; Onde estás depois da escola; Onde vais sair à noite; O que tu fazes com o teu tempo livre;	1. Ele sabe muito 2. Ele sabe pouco 3. Ele não sabe nada

Procedimento

A unidade de análise usada neste estudo foi a turma. Em cada escola as turmas foram seleccionadas aleatoriamente a fim de se encontrar o número requerido de alunos para cada turma, que era proporcional ao número dos mesmos fornecidos pelo Ministério da Educação. Os professores administraram os questionários na sala de aula. A participação dos alunos era voluntária. O estudo ocorreu em Janeiro de 2006.

Resultados

A amostra do presente estudo é constituída por 4877 adolescentes, dos quais 49,6% pertencem ao género feminino e 50,4% ao género masculino, com média de idades de 14 anos, distribuídos por 31,7% que frequentam o 6º ano de escolaridade, 35,7% o 8º ano de escolaridade e 32,6% o 10º ano.

Com o objectivo de verificar a possibilidade de utilizar as questões do controlo parental e das características dos amigos como uma escala contínua, procedeu-se a análise factorial exploratória e ao estudo de coeficiência interna das questões.

No que se refere aos 10 itens que correspondem ao controlo parental, na análise factorial foram retidos os factores com valores próprios iguais ou

superiores a .40, segundo a regra de Kaiser demonstrando uma solução de dois factores, que explicou 61% da variância, com um valor de KMO igual a .81. O primeiro factor incluiu os itens sobre o controlo do pai, indicando um valor de alpha de Cronbach de .88. O segundo factor incluiu os itens sobre o controlo da mãe, com um valor de alpha de Cronbach de .79. Os valores de consistência interna encontrados possibilitam a utilização dos itens como uma escala.

Para os 12 itens sobre as características do grupo de pares, encontrou-se uma solução de três factores, que explicou 56% da variância, com um valor de KMO igual a .79. O primeiro factor incluiu os itens sobre amigos que se envolvem em comportamentos de risco (grupo de risco), com um valor de alpha de Cronbach de .82. O segundo factor incluiu os itens dos amigos que não se envolvem em comportamentos de risco (grupo sem risco), com um valor de alpha de Cronbach de .57. Por fim o terceiro factor incluiu os itens dos amigos que preferem actividades ambientais (grupo ambiente), com um valor de alpha de Cronbach de .52. Os valores de consistência interna apresentados nos factores possibilitaram a utilização dos referidos itens como uma escala.

Para analisar as diferenças entre os adolescentes que gostam da escola e os adolescentes que não gostam da escola recorreu-se ao teste Qui-Quadrado para as variáveis nominais e ao teste ANOVA para as diferenças de médias entre as variáveis contínuas.

Para o género verificou-se que as raparigas gostam mais da escola (83,1%, $\chi^2=105,538$, gl.=1, p=.000) quando comparadas com os rapazes (70,7%, $\chi^2=105,538$, gl.=1, p=.000). Enquanto para a escolaridade os adolescentes do 6º ano de escolaridade são os que afirmam mais frequentemente que gostam da escola (81,0%, $\chi^2=24,356$, gl.=2, p=.000), seguidos dos adolescentes do 8º ano (73,8%, $\chi^2=24,356$, gl.=2, p=.000), os resultados para os adolescentes do 10º ano não se revelaram estatisticamente significativos.

Relativamente à percepção dos professores para a capacidade escolar dos adolescentes foram os que consideram que têm uma boa capacidade escolar que gostam mais da escola (85,6%, $\chi^2=311,277$, gl.=3, p=.000), seguidos do que consideram ter uma capacidade escolar muito boa (80,9%, $\chi^2=311,277$, gl.=3, p=.000), dos que pensam que os professores consideram a sua capacidade escolar média (74,8%, $\chi^2=311,277$, gl.=3, p=.000) e finalmente do que pensam que têm uma capacidade escolar inferior à média (40,1%, $\chi^2=311,277$, gl.=3, p=.000).

Para as variáveis associadas aos amigos, aqueles que referem não ter amigos são os que afirmam menos frequentemente gostar da escola (57,1%, $\chi^2=8,053$, gl.=2, p<.05), os resultados para os adolescentes que afirmam ter um amigo (78,5%, $\chi^2=8,053$, gl.=2, p<.05) e para os que afirmam ter dois ou mais amigos (77,3%, $\chi^2=8,053$, gl.=2, p<.05), não foram estatisticamente significativos.

Relativamente às variáveis associadas aos comportamentos de risco, observou-se que os adolescentes que afirmam nunca ter-se embriagado (81,3%,

$\chi^2=174,08$, $gl.=4$, $p=.000$), que não fumam (79,5%, $\chi^2=131,11$, $gl.=3$, $p=.000$) e que não consumiram drogas no último mês (78,9%, $\chi^2=113,46$, $gl.=3$, $p=.000$) são os que gostam mais da escola (ver tabela 2).

Tabela 2. Consumo de substâncias e o gosto pela escola

Background		Gosta da Escola		Não gosta da escola		Total	χ^2	gl
		N	%	N	%			
Embriaguez	Nunca	2876	81.3	662	18.7	3538	174.08***	4
	Uma vez	375	67.9	177	32.1	552		
	Duas a três	286	67.5	138	32.5	424		
	Quatro a dez	103	66.5	52	33.5	155		
	Mais de dez vezes	59	44.4	74	55.6			
Consumo de tabaco	Todos os dias	125	52.3	114	47.7	239	131.11***	3
	Pelo menos uma vez por semana	79	60.3	52	39.7	131		
	Uma vez por semana ou menos	140	66.7	70	33.3	210		
	Não fuma	3331	79.5	857	20.5	4188		
Consumo de drogas no último mês	Nenhuma	3352	78.9	897	21.1	4249	113.46***	3
	1 vez	46	54.1	39	45.9	85		
	Mais de que uma vez	29	43.9	37	56.1	66		
	Consumo regularmente	19	39.6	29	60.4	48		

Para analisar as diferenças entre os adolescentes que gostam ou não da escola, o controlo parental (mãe e pai) e as características do grupo de pares (grupo com risco, grupo sem risco e grupo ambiente), recorreu-se ao teste ANOVA.

Relativamente ao controlo parental observou-se que os que gostam da escola têm média superior de controlo da mãe ($M=13,29$, $DP=1.99$) e de controlo do pai ($M=11,85$, $DP=2.90$) (ver tabela 3).

Tabela 3. Análise da Variância para o controlo parental

	N		Média		Desvio Padrão		gl	F	Sig
	Gosta Escola	Não gosta Escola	Gosta Escola	Não gosta Escola	Gosta Escola	Não gosta Escola			
Mãe	3269	3094	13.29	12.41	1.99	2.47	1;4265	132.13	0.000
Pai	3094	933	11.85	11.05	2.90	3.16	1,4025	52.28	0.000

Para as características do grupo de pares, verificou-se que os que gostam da escola têm médias superiores de amigos sem envolvimento em comportamentos de risco ($M=10,27$, $DP=1.52$), média inferior de amigos com envolvimento em comportamentos de risco ($M=6,34$, $DP=2.06$) e média superior de amigos que fazem actividades ambientais ($M=5,33$, $DP=1.50$) (ver tabela 4).

Tabela 4. Análise da variância para o grupo de pares

	N		Média		Desvio Padrão		gl	F	Sig
	Gosta Escola	Não gosta Escola	Gosta Escola	Não gosta Escola	Gosta Escola	Não gosta Escola			
Amigos Risco	1579	477	6.34	7.66	2.06	2.75	1;2054	126.99	0.000
Amigos não risco	2422	676	10.27	9.77	1.52	1.66	1;3096	53.58	0.000
Amigos ambiente	1660	504	5.33	5.02	1.50	1.57	1;2162	16.41	0.000

Discussão

O presente estudo teve como objectivo analisar a influência da família e dos amigos no gosto pela escola nos adolescentes em idade escolar.

É sabido que durante a adolescência passa-se muito tempo na escola (Piko & Kovács, 2010), daí a importância desse contexto influenciar positivamente a vida dos jovens. O envolvimento na escola pode afectar significativamente diversos factores da vida do adolescente, nomeadamente o consumo de tabaco e álcool, rendimento académico, bem-estar e actividade física (Sellstrom & Bremberg, 2006).

Os professores são parte essencial da relação entre os adolescentes e a escola. Os resultados revelam que os adolescentes que pensam que os professores consideram a sua capacidade escolar boa são os que mais gostam da escola. Esses resultados vão ao encontro dos autores que afirmam que a relação que os adolescentes mantêm com os professores poderá influenciar a forma como lidam com o contexto académico, uma vez que as expectativas dos professores também poderão influenciar positiva ou negativamente o sucesso académico das crianças e adolescentes (Baptista, Tomé, Matos, Gaspar, & Cruz, 2008; Jussim & Harber, 2005). É essencial que essa relação seja positiva e motive os adolescentes para a aprendizagem e para a prevenção de comportamentos de risco.

O não envolvimento em comportamentos de risco torna os adolescentes mais satisfeitos com a vida e mais felizes (Tomé, Matos, & Diniz, 2008), os adolescentes com menos envolvimento em comportamentos como o consumo de álcool, drogas ou tabaco são os que mais frequentemente afirmam gostar da escola (ver tabela 2). A escola pode dessa forma ser vista como factor protector para o envolvimento nesses comportamentos (Sellstrom & Bremberg, 2006; Piko & Kovács, 2010), facilitando o seu envolvimento nas actividades escolares e ajudando os jovens a manter bons resultados académicos, uma vez que estes ajudam a manter a sensação de sucesso académico e uma forte ligação à escola (Chiapetti, 2003; Piko & Kovács, 2010).

Assim, verifica-se que a escola tem um papel essencial na vida dos adolescentes, entretanto os jovens encontram-se inseridos em outros contextos igualmente essenciais para o seu desenvolvimento, como a família e o grupo de pares. Estes podem influenciar a forma como lidam com o contexto escolar.

A partir da entrada no segundo ciclo, o adolescente começa a ampliar seu grupo de amigos e suas actividades, intensificando-se a influência do contexto escolar, no desenvolvimento da personalidade, valores e das relações sociais (Chiapetti, 2003). O grupo torna-se muito importante nesta fase. A necessidade de autonomia relativamente aos adultos faz com que os adolescentes passem muito tempo com os amigos. O grupo pode influenciar de forma positiva ou negativa o comportamento dos adolescentes, no entanto não podemos esquecer do papel essencial que estabelece na sua vida. Isso pode ser observado nos estudos que revelam que a falta de amigos pode levar a sentimentos de solidão e ao envolvimento em comportamentos de risco (Tomé, Matos & Diniz, 2008). Também na relação com o contexto escolar os pares tornam-se essenciais, já que os que não têm amigos são os que menos gostam da escola, os que gostam da escola têm média inferior de amigos com envolvimento em comportamentos de risco, média superior de amigos sem envolvimento em comportamentos de risco e de amigos que se envolvem em actividades ambientais.

Estes resultados reforçam mais uma vez a influência positiva que o grupo de pares pode ter na vida dos adolescentes e o lado negativo da falta de amigos que poderão influenciar inclusive os resultados académicos, a relação com os professores e a forma como lidam com o contexto escolar (Tomé, Matos, & Diniz, 2008; Vaquera & Kao, 2008; Hughes, Dyer, Luo, & Kwok, 2009).

Por sua vez a relação com os pais surge como mais protectora para o envolvimento em comportamento de risco do que o relacionamento com o grupo de pares. Os adolescentes que gostam da escola têm médias superiores de controlo parental por parte da mãe e do pai. As relações positivas na família, o suporte emocional e social dos pais e um estilo de disciplina parental construtivo e consistente, tendem a estar relacionados com maiores índices de bem-estar e de ajustamento na adolescência (Field, Diego & Sanders, 2002;

Branje, Van Aken & Van Lieshout, 2002) e menor envolvimento em comportamentos de risco e em grupos de pares desviantes (Mounts, 2002).

Os resultados apresentados revelam que a promoção de relações sociais positivas entre os adolescentes, o grupo de pares e os pais poderão promover maior motivação para o envolvimento nas actividades académicas, melhores resultados académicos e um relacionamento positivo com os professores, uma vez que essas relações influenciam o gosto pela escola. Assim, os jovens que gostam da escola têm mais oportunidades para fortalecer essas relações e desenvolver uma relação positiva com o ambiente escolar, uma vez que se encontra motivado e satisfeito com a escola.

O contexto escolar poderá ser o local mais adequado para promover essas relações, pois é o local aonde os jovens passam a maior parte do tempo e aonde estabelecem a maior parte das suas relações fora do ambiente familiar. A participação dos pais na vida escolar dos adolescentes poderá ser outro factor protector para o jovem, que se sente apoiado não só pelos amigos mas pelos progenitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTEGHINI, M., FONSECA, H., IRELAND, M., & BLUM, R. (2001). Health risk behaviors and associated risk and protective factors among brazilian adolescents in Santos. *Journal of Adolescent Health, 28*, 295-302.
- BAPTISTA, I., TOMÉ, G., MATOS, M. G., GASPAR, T., & CRUZ, J. (2008). A Escola. In M. G. Matos, & D. Sampaio, *Jovens com Saúde – Diálogo com uma geração* (pp. 197-214). Lisboa: Texto.
- BEAL, A., AUSIELLO, J., & PERRIN, J. (2001). Social influences on health risk behaviors among minority middle school students. *Journal of Adolescent Health, 28*, 474-480.
- BOURNE, H. (2001). *Peer Pressure*. Obtido em 24 de Setembro de 2009, de www.findarticle.com.
- BRANJE, S., VAN AKEN, M., & VAN LIESHOUT, C. (2002). Relational support in families with adolescents. *Journal of Family Psychology, 16*(3), 351-362.
- CHIAPETTI, N. (2003). Comportamento de risco em pré-adolescentes e contexto de convivência: influência do contexto escolar. *Revista Electronica de Psicologia, 2*.
- CHIPUER, M. (2001). Dyadic attachments and community connecteanness: Links with youths loneliness experiences. *Journal of Adolescence, 25*, 327-339.
- CURRIE, C., SAMSAL, O., BOYCE, W., & SMITH, R. (2001). *HBSC, a WHO cross national study: research protocol for the 2001/2002 survey*. Copenhagen: WHO.
- DEKOVIC, M., & MEENS, W. (1997). Peer relation in adolescents: Effects of parenting and adolescents self-concept. *Journal of Adolescent, 20*, 163-176.
- DIAS, M., DUQUE, A., SILVA, M., & DURÁ, E. (2004). Promoção da saúde: o renascimento de uma ideologia?. *Análise Psicológica, 3*, 463-473.
- ENGELS, R., & BOGY, T. (2001). Influences of risk behaviours on the quality of peer relations in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 30*, 675-695.

- ENNETT, S. T., FOSHEE, V. A., BAUMAN, K. E., HUSSONG, A., CAI, L., & MCNAUGHTON REYES, H. I. (2008). The social ecology of adolescent alcohol misuse. *Child Development, 70*(6), 1777-1791.
- FIELD, T., DIEGO, M., & SANDERS, C. (2002). Adolescents' parents and peer relationship. *Adolescence, 37* (145), 121-129.
- FIELD, T. (2002). *Adolescent's parent and peer relationships*. Obtido em 24 de Setembro de 2009, de www.findarticles.com.
- HAIR, E. C., MOORE, K. A., GARRETT, S. B., LING, T., & CLEVELAND, K. (2008). The continued importance of quality parent-adolescent relationships during late adolescence. *Journal of Research on Adolescence, 18*(1), 187-200.
- HUGHES, J. N., DYER, N., LUO, W., & KWOK, O.-M. (2009). Effects of peer academic reputation on achievement in academically at-risk elementary students. *Journal of Applied Developmental Psychology, 30*, 182-194.
- JUSSIM, L., & HARBER, K. D. (2005). Teacher expectations and self-fulfilling prophecies: Knowns and unknowns, resolved and unresolved controversies. *Personality and Social Psychology Review, 9*, 131-155.
- LAIBLE, J., & THOMPSON, A. (2000). Mother-child discourse, attachment security, shared positive affect, and early conscience development. *Child Development, 71*, 1424-1440.
- LI, X., STANTON, B., & FEIGELMAN, S. (2000). Impact of perceived parental monitoring on adolescent risk behavior over 4 years. *Journal of Adolescent Health, 27*, 49-56.
- LIEBERMAN, M., DOYLE, A., & MARKIEWICZ, D. (1999). Developmental patterns in security of attachment to mother and father in late childhood and early adolescence: Associations with peer relations. *Child Development, 70*, 202-213.
- MOUNTS, N. (2002). Parental management of adolescent peer relationship in context: the role of parenting style. *Journal of Family Psychology, 16* (1), 58-59.
- PIKO, F. B., & KOVÁCS, E. (2010). Do parents and school matter? Protective factors for adolescent substance use. *Addictive Behaviors, 35*, 53-56.
- KUPERMINC, G., DARNELL, A., & ALVAREZ-JIMENEZ, A. (2008). Parent involvement in the academic adjustment of Latino middle and high school youth: Teacher expectations and school belonging as mediators. *Journal of Adolescence, 31*, 469-483.
- ROBERTS, C., CURRIE, C., SAMDAL, O., CURRIE, D., SMITH, R., & MAES, L. (2007). Measuring the health behaviours of adolescents through cross-national survey research: recent developments in the Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) study. *Journal Public Health*. Aceite em 07 de Março de 2007.
- RUINI, C., OTTOLINI, F., TOMBA, E., BELAISE, C., ALBIERI, E., VISANI, D., et al. (2009). School intervention for promoting psychological well-being in adolescence. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry, 40*, 522-532.
- TOMÉ, G., MATOS, M., e DINIZ A., (2008). Consumo de substâncias e isolamento social durante a adolescência, in M. Matos (eds.) Consumo de substâncias: Estilo de Vida? À Procura de um Estilo? pp. 95-126. Lisboa: IDT
- SELLSTROM, E., & BREMBERG, S. (2006). Is there a "school effect" on pupil outcomes? A review of multilevel studies. *Journal of Epidemiological Community Health, 60*, 149-155.

- TURNER, G. (1999). Peer support and young people's health. *Journal of Adolescence.*, 22 (4), 567-572.
- Vaquera, E., & KAO, G. (2008). Do you like me as much as I like you? Friendships reciprocity and its effects on school outcomes among adolescents. *Social Science Research*, 37, 55-72.
- WIENER, B., & SCHNEIDER, B. (2002). A multisource exploration of friendships patterns of children with and without learning disabilities. *Journal of Abnormal Child Psychology*.